

KARINA COSTA CARDOSO

O BASQUETE DE RUA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM LANCE  
VISANDO UMA FORMAÇÃO CRÍTICA.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Mestre NEYSE LUZ MUNIZ

Niterói

2016

KARINA COSTA CARDOSO

O BASQUETE DE RUA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM LANCE  
VISANDO UMA FORMAÇÃO CRÍTICA.

Aprovada em de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Ms. Neyse Luz Muniz – Orientadora

UFF

Prof. Dr. Paulo Antonio Cresciulo de Almeida

UFF

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dinah Vasconcelos Terra

UFF

Niterói

2016

## Dedicatória

A Deus por sempre guiar meus passos, e nunca me deixar só, sendo fiel em todo momento quando me disse para: “Buscar, assim, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.” Mateus 6:33.

## AGRADECIMENTOS

‘Os sonhos de Deus não podem morrer, são eles que estão em meu coração, não vou mais deixar ninguém me dizer, que eu não sou capaz de ganhar a nação, pra Jesus’ – Meus sonhos - Comunidade Evangélica Projeto Vida.

Faltam-me palavras de agradecimento a Deus, porque em todas as fases da minha vida, sempre Ele esteve presente. Ele é a minha Vida, Ele é o meu Caminho, Ele é a minha Verdade. Tudo acontece porque Ele sonhou primeiro. Sou conduzida por caminhos melhores dos que eu podia imaginar e/ou conseguir chegar. Deu-me forças, paciência e persistência para nunca desistir de concluir mais essa etapa. Criou-me para cumprir um propósito que vai além dos meus limites.

Aos meus pais que planejaram toda minha educação com amor, alegria e esperança de um dia colher os frutos da boa semente que semearam com toda cautela, regaram com toda paciência, cultivaram com muito amor e persistência, podaram com cuidado, ajustando com carinho cada crescimento. Ainda terei muito que agradecer por eles serem meus pais, por me amarem, por escolherem serem os melhores pais do mundo.

Ao meu irmão Vinícius por toda parceria, compreensão nos momentos difíceis dessa minha jornada universitária, em todo tempo se demonstrar solícito, carinhoso, servindo em todo tempo o melhor de si. Obrigado por ser o melhor irmão, a melhor parte da minha vida, por nunca me deixar só, e sempre cuidar de mim, reconheço todo seu cuidado e amor ogra de ser.

Aos meus amigos mais chegados que irmãos Alana e Dida, que me socorreram com um abraço aconchegante, orações, palavras sinceras e reconfortantes de encorajamento, correção e direção no momento mais crítico da minha formação. Se hoje escrevi esta monografia, o início dela foi naquela semana intensa de oração, de comunhão ao Senhor com a unidade que vocês possuem com Deus.

A Raíssa, Bruna, Jéssica, Aline, Ursula, Fernanda que junto comigo formamos o 7profético. A vocês meus divertidos agradecimentos, pois quando tudo mudou na minha vida, nosso Deus em inusitados encontros nos uniu, dando um novo sentido, novas

formas de olhar o mundo, de encarar as realidades da vida. Com vocês tudo se tornou mais fácil e divertido de caminhar. Somos Princesas de JC.

A Joana, Letícia e Luciana, que nesses quatro anos de curso, essas três garotas me cativaram de tal forma, que sempre vão estar em minhas memórias, momentos de choros, de risos escandalosos, de muitos micos, de muitas alegrias, comentários e segredos que só a gente é capaz de ter. Agradeço a vocês por cuidarem de mim, me ensinarem muito do que sou hoje, por fazer dessa etapa da minha vida a melhor de todas, por me fazer chorar ao escrever esse parágrafo, pois o amor verdadeiro de amizade eu achei também em vocês.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender.

A minha orientadora Neyse Luz Muniz, que por todas às vezes pacientemente me ajudou a construir todos os processos da monografia, me corrigia com amor, entendia minhas limitações e me fazia caminhar na medida do possível para um fim glorioso nesta graduação, você foi além de uma orientadora, você se tornou uma amiga, mamãe Neyse.

## EPÍGRAFE

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

(Paulo Freire)

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar criticamente a manifestação esportiva Basquete de rua, apresentando reflexões mais aprofundadas a cerca do trabalho nas aulas de educação física escolar do conteúdo basquetebol, especificamente de suas manifestações ligadas ao movimento denominado “cultura urbana”, o chamado “basquete de rua” ou “streetball”. Esta monografia considera a proposta pedagógica que aponta para a reflexão crítica como princípio de formação no âmbito da educação física que mais se aproxima do que vislumbramos como possibilidade no desenvolvimento do conteúdo Basquete de Rua, o Parâmetro Curricular Nacional (1997), que possibilita abordar atitudes e valores culturais que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física Escolar contemplando o aspecto conceitual e atitudinal, indo para além do olhar restringido das habilidades motoras. São apresentados alguns elementos básicos que dão forma a este espetáculo, segundo as normas da LIBBRA- Liga Brasileira de Basquete de Rua, órgão que promove campeonatos e propaga a cultura urbana aqui no Brasil. Com a finalidade de que este trabalho se torne relevante para professores que desejam implantar um trabalho crítico com seu aluno a partir do Basquete de Rua.

**Palavras-chave:** Basquete de Rua; Parâmetros Curriculares Nacionais; Cidadão Crítico-reflexivo.

## ABSTRACT

The purpose of this project is to critically analyse the esportive manifestation "streetball" posed deepest reflections about the job in the classes at physical education With regards to the content basketball, specifically their manifestations involving the termed "urban culture", the called "streetball". This monograph consider the pedagogic purpose tha point to the critical reflection as principal of formation Within the scope of physical education which corresponds more closely than we shimmer as possibility in the development of the streetball matter, o Nacional Curricular Parameter (1997), that allow approach culture atitudes and values tha can be pointed in Physical Education classes contemplating conceptual and posture aspect, going beyond the look restricting from motor skills. They are introducing some basic elements that shape this show, according to the rules of LIBBRA (Brazilian league of streetball), agency that promotes championship and propagate the urban culture here, in Brazil. The purpose of this project is that it became relevant for th professors that desire implant a ritical job with your student from streetball.

**Keywords:** Streetball; Nacional Curricular Parameter; Citizen critical-reflexive



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 – A MANIFESTAÇÃO CULTURAL ESPORTIVA BASQUETEBOL. ....</b>	<b>13</b>
<b>2 – BASQUETE DE RUA: ELEMENTOS BÁSICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>3 – A PEDAGOGIA CRÍTICA: PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS. ....</b>	<b>19</b>
<b>4 – O BASQUETE DE RUA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ATITUDES, VALORES E CULTURA. ....</b>	<b>25</b>
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>31</b>

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho se caracteriza como um estudo exploratório de cunho qualitativo que teve como objetivo apresentar reflexões mais aprofundadas a cerca do trabalho nas aulas de educação física escolar do conteúdo basquetebol, especificamente de suas manifestações ligada ao movimento denominado “cultura urbana”, o chamado “basquete de rua” ou “streetball”. Sua ligação com a ‘cultura urbana’ tem inspiração nos guetos nova-iorquinos que cria essa forma de jogar o basquete em resposta à exclusão social, ao racismo e à crise econômica que os Estados Unidos atravessaram com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929.

Podemos dizer que, no Brasil, o basquetebol tem certa popularidade, e se constitui em uma das quatro manifestações esportivas mais trabalhadas nas aulas de educação física escolar (KRUG et AL., 2012). Sua prática no Brasil, diferentemente que na sociedade americana não tem o rendimento como o foco principal, antes toma a inserção social como desafio em sua inserção no âmbito escolar.

No início dos anos 90 surgiram propostas no campo da Educação Física Escolar de base crítica, devido às mudanças ligadas ao contexto sociopolítico vivido no Brasil. Discussões em torno de seu caráter pedagógico começam a ser foco de inúmeros estudos, influenciados pelas ciências humanas, principalmente a sociologia e a filosofia de orientação marxista. Nesse contexto, começam a surgir propostas pedagógicas que tem como finalidade contribuir para a transformação da e na sociedade. Dentre elas destacamos as propostas do Coletivo de Autores (1992), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a de transformação didático-pedagógica do esporte apresentada pelo professor Elenor Kunz (2001).

Nossas crenças fizeram com que optássemos pela proposta pelo Parâmetro Curricular Nacional - PCN (1997) que apresenta como objetivo educacional, proporcionar ao aluno a construção e o exercício da cidadania, que tem como perspectiva uma crescente igualdade de direitos com base nos princípios democráticos, nesse caminho, tornam-se relevante desenvolver reflexões sobre “a dignidade do ser

humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito” (BRASIL, 1997, p. 27).

Na proposta do PCN da Educação Física existem princípios que norteiam o que Darido (2002) chama de uma Educação Física cidadã.

O princípio da Inclusão “tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas” (PCN, 2007) contrapondo-se a práticas que valorizavam o desempenho físico e a eficiência.

Entendendo que o trabalho nas aulas de Educação Física no contexto escolar não devem se restringir a aprendizagem motora, mas também oportunizar os conhecimentos de conceitos e atitudes presentes nas práticas corporais privilegiadas nas aulas; consideramos a proposta do PCN (1997) de trabalho das categorias de conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal) uma possibilidade do aluno vivenciar e refletir sobre as mesmas.

Ensinar o Basquete de Rua nas aulas de educação física na escola não é tarefa simples, muito menos fazê-lo tendo como perspectiva a formação crítica de nossos alunos. Por isso nesse trabalho não são apresentadas soluções, mas apontadas algumas questões que percebemos que podem nos levar por esse caminho.

Foi com esse propósito que no primeiro capítulo apresentamos um breve levantamento histórico sobre o contexto do surgimento da manifestação Basquete de Rua, entendendo que possa contribuir com uma maior compreensão dessa manifestação cultural para os professores de educação física que desejam trabalhar com ele em suas aulas.

No segundo capítulo realizamos uma síntese do que consideramos as propostas pedagógicas que apontam a reflexão crítica como princípio de formação no âmbito da educação física, a fim de verificar aquela que mais se aproximava do que vislumbramos como possibilidade no desenvolvimento do conteúdo Basquete de Rua.

No terceiro capítulo buscamos apresentar os elementos básicos que dão forma a manifestação cultural, chamada ‘Basquete de Rua’; é apresentado um breve parâmetro de suas principais regras seguindo as normas da LIBBRA – Liga Brasileira de Basquete de Rua, órgão que promove campeonatos aqui no Brasil, com finalidade

de propagar a cultura urbana, em especial das periferias brasileiras, tendo o compromisso cultural e social com a transformação da sociedade.

No quarto capítulo abordamos atitudes e valores culturais que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física Escolar com o Basquete de Rua. Entendendo que essa aprendizagem não deve se restringir ao desenvolvimento das habilidades motoras, estaremos contemplando também os aspectos: conceitual e atitudinal proposto pelo Parâmetro Curricular Nacional.

No quinto capítulo são apresentadas algumas considerações que consideramos relevantes para os professores que desejam programar um trabalho crítico com seus alunos a partir do Basquete de Rua acreditando ser capaz de estabelecer relações sociais de respeito à diversidade presente em nossa sociedade a um posicionamento crítico diante da injustiça social e de adoção de atitudes não discriminatórias.

# **1 – A MANIFESTAÇÃO CULTURAL ESPORTIVA BASQUETEBOL.**

O Basquetebol é uma manifestação cultural do conteúdo esporte que surge nos Estados Unidos da América no século XVIII na Associação Cristã de Moços. A necessidade gerada por um rigoroso e longo inverno no estado de Massachussets no ano de 1891, frente às escassas opções de atividades físicas existentes para locais fechados, fez com que um diretor da Associação Cristã de Moços Luther Halsey Gillick convocasse um instrutor de educação física, chamado James Naismith e lhe delegasse a função de criar um tipo de jogo, que estimulasse os alunos a sua prática durante o inverno e que também pudesse ser jogado em áreas abertas durante o período de verão (OLIVEIRA, 2012).

Naismith então idealizou um jogo que deveria ter um alvo fixo e apresentasse algum grau de dificuldade. Deveria ser jogado com uma bola, maior que a do futebol e que quicasse com regularidade. Mas o jogo não deveria ser tão agressivo como o futebol americano, para evitar conflitos entre os praticantes, deveria ter um sentido coletivo e ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida por muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas dos lances.

A primeira regra do esporte foi composta por 13 itens e a organização dos jogadores foi de duas equipes formadas por nove pessoas. Hoje em dia, cada equipe é formada por 5 jogadores em quadra e 12 jogadores entre titulares e reservas. A cesta também foi uma mudança que logo ocorreu nesse jogo, pois, a cesta de recolhimento de pêssagos utilizada como alvo de arremesso em sua criação fazia com que a cada arremesso convertido um jogador subisse até a cesta para apanhar a bola. A solução encontrada foi cortar a base do cesto, o que permitiu a rápida continuação do jogo, hoje a cesta está em um poste de aço, onde se prende uma tabela retangular de acrílico transparente que sustenta um aro de ferro onde se prende uma rede de cordas permitindo a continuidade do jogo após a conversão dos arremessos. Para amenizar a enorme quantidade de falta que ainda tinha nas partidas foi introduzido na regra o lance livre, onde o adversário ganha a oportunidade de converter em pontos a interrupção de ida ao ataque sofrida por uma marcação agressiva.

Desde a sua primeira demonstração nas Olimpíadas de St. Louis, nos Estados Unidos, no ano de 1904, a fim de dinamizar a partida, o Basquetebol modificou algumas de suas regras tais como: a proibição dos dois dribles; a exclusão do jogador que cometer a quinta falta pessoal; o batedor do lance livre, ser aquele que recebeu a falta (até o ano de 1925 cada equipe tinha seu batedor especialista) e reposição da bola após cada cesta no fundo da quadra (antes era repostada pela bola ao alto no centro da quadra). Hoje em dia, ainda com o discurso do dinamismo, normalmente, a mudança das regras oficiais ocorre após uma Olimpíada.

No Brasil, no ano de 1896, ao trazer dos Estados Unidos uma bola de Basquetebol, o professor Augusto Shaw ensinou a primeira aprendizagem dessa manifestação esportiva. Somente em 1912 a Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro implantou definitivamente o Basquetebol no Brasil, realizando campeonatos que não tiveram cunho oficial. O desenvolvimento desse esporte nos Estados Unidos se refletiu no Brasil, com a tradução do livro de regras para o português e a vinda do técnico norte americano Fred Brown que lançou as bases de melhor organização do basquetebol no Brasil, levando mais tarde a fundação da Federação Brasileira de Basquetebol que logo foi substituída pela Confederação Brasileira de Basquetebol.

Atualmente, o basquetebol é um dos esportes coletivos mais praticados em todo o mundo. Trata-se de uma modalidade esportiva integrante do programa dos Jogos Olímpicos desde 1936, quando o evento ocorreu na Alemanha. A popularidade do basquetebol é reconhecida num grande número de países, inclusive no Brasil. Desde 1932, esse esporte é dirigido sob a organização da FIBA – Federação Internacional de Basquetebol, entidade que congrega federações de mais de 190 países, com sede em Munique. A FIBA é o organismo internacional que dirige todos os eventos, com seleções representativas dos seus filiados e disciplina o esporte em termos de regulamentos e condições para participação.

Podemos dizer que, no Brasil, o basquetebol tem certa popularidade, e se constitui em uma das quatro manifestações esportivas mais trabalhadas nas aulas de educação física escolar (KRUG et al., 2012).

Não podemos deixar de registrar nesse momento uma prática do basquetebol que hoje em dia se faz presente na sociedade brasileira ligada ao movimento denominado

“cultura urbana”, o chamado “basquete de rua” ou “streetball”. Sua ligação com a ‘cultura urbana’ tem inspiração nos guetos nova-iorquinos que cria essa forma de jogar o basquete em resposta à exclusão social, ao racismo e à crise econômica que os Estados Unidos atravessaram com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929.

Sua prática no Brasil, diferentemente que na sociedade americana não tem o rendimento como foco principal, antes toma a inserção social como desafio em sua implementação. Uma de suas características marcantes é ocorrer em locais não convencionais como ruas, em baixo de viadutos, quadras públicas e etc.; possui regras flexíveis e têm a ousadia e improvisação como elementos de destaque, priorizando jogadas (passes e dribles) que ‘desconcertem’ seus adversários tornando o jogo mais divertido e atraente para espectadores e jogadores.

Essa “cultura urbana” que segundo Valentini<sup>1</sup>, vem da observação atenta da realidade na qual estamos mergulhados e, afeta o nosso cotidiano ditando regras de conduta impressas pelo mercado consumidor; é para Hermano Vianna<sup>2</sup> “a novidade mais importante da cultura brasileira na última década”; pois se constitui a nosso ver não mais em representação cultural, mas em processo que atua no cotidiano das pessoas,

“Modificando-as produtivamente, potencializando os sujeitos das ações, [e] incidindo sobre a comunidade: reforça laços, estimula a conquista de autoestima, produz pensamento sobre o lugar de cada um na rua, no bairro, na cidade, no país, no mundo, abrindo-se à possibilidade de transformar e de democratizar esse processo” (Salles, 2009, p.4).

Nesse contexto, o “basquete de rua” se apresenta como manifestação cultural do esporte basquetebol capaz de contribuir para que nas aulas de educação física, que ocorrem no meio escolar, seja estimulada a formação crítico reflexiva dos alunos, ou como diria Souza Júnior (2001) para que na aula de educação física ‘o saber’ e ‘o fazer’ se unam na busca de um “fazer crítico-reflexivo”.

---

<sup>1</sup> Padre Vando Valentini, autor, sacerdote e coordenador do Núcleo Fé e Cultura, em Agosto de 2000 proferiu uma palestra no I Fórum Estadual sobre o Ensino Social Cristão, refletindo sobre a “Cultura e realidade urbana”, apontando a perda da identidade e desestruturação do homem (sobretudo dos jovens).

<sup>2</sup> Hermano Vianna, natural de João Pessoa, é um antropólogo, pesquisador musical e roteirista da televisão brasileira. Autor dos livros "O Mistério do Samba" (Zahar, 1995) e "O Mundo Funk Carioca" (Zahar, 1988) é também criador dos programas Esquenta! Central da Periferia, Brasil Legal e Programa Legal (TV Globo).

## **2 – BASQUETE DE RUA: ELEMENTOS BÁSICOS**

A cultura Hip Hop é um movimento urbano de forte influencia no Basquete de Rua, ambos com suas especificidades formam um elo que consolida um movimento de resistência às regras oficiais, ao esporte institucionalizado, não só isso, mas um pólo de comunicação entre os moradores das periferias brasileiras, justamente por ter um compromisso cultural e social como prioridade.

O Basquete de Rua também conhecido como “basquete arte”, é chamado assim devido às jogadas geniais, divertidas e pelas diferenciadas dinâmicas de jogo, que no Basquete tradicional não se vê, aqui é permitido criar suas próprias regras e espontâneas jogadas, dentro das linhas que definem uma quadra de Basquete de Rua.

Em campeonatos promovidos pela LIBBRA – Liga Brasileira de Basquete de Rua, existem regras com finalidade de organização dos campeonatos, quanto à quadra esta pode ser encontrada em qualquer espaço, na rua; em quadras improvisadas, ginásios, sob viadutos e entre outros, desde que seja possível uma disputa de duas equipes com quatro jogadores, e três reservas, tendo como objetivo colocar a bola dentro da cesta do time adversário. Em cada jogo a filosofia principal é motivar a participação, descontração, integração social, inserção cultural e desportiva, constituindo assim um caráter competitivo o meio e não o fim.

Resumindo, o jogo se inicia com a bola ao alto, com dois tempos de 8 minutos e 30 segundos, o cronometro só é parado quando houver arremesso de lance livre ou parada técnica. Fora essas duas hipóteses não haverá qualquer outra pausa ou paralisação do cronômetro, e, a equipe que deliberadamente retardar ou paralisar o jogo, será punido com falta técnica. Os jogadores poderão andar com a bola, desde que batam com ela no chão a cada passo dado. Quando da execução de alguma manobra onde tudo é permitido, o atleta pode, inclusive, esconder a bola sob a sua camisa, ou usar os pés fazendo alguma manobra, a cabeça tudo com o intuito de iludir o adversário, de modo a estimular a versatilidade e criatividade como elementos inseparáveis desta modalidade desportiva. No Basquete de Rua a altura dos jogadores não é fator preponderante, pois o mais importante nesse jogo são a habilidade e a improvisação de cada jogador.

Por ser permitido um contato maior entre as equipes, não é permitida a marcação por zona, só é permitida uma marcação individual a todo tempo, que gera



algumas advertências verbais e ou aplicando cartões. A diretriz filosófica da aplicação dos cartões da LIBBRA, diz que:

“O Basquete de Rua tem compromisso com a saúde (física e mental), jamais com a violência e a falta de respeito. Por isso, a aplicação dos cartões punitivos busca excluírem qualquer manifestação que atente contra os princípios fundamentais que inspiram o Basquete de Rua enquanto desporto-participação. Além disso, muitas das expressões utilizadas pelos jogadores desta modalidade não devem ser consideradas xingamentos ou desrespeito, mas, dialeto próprio desta cultura urbana e parte integrante do clima de descontração e de participação que deve ser priorizado”.

Alguns elementos importantíssimos que incrementam o Basquete de Rua são os: DJ's , MC's, Graffiti e o Break.

O Dj, vai para além de selecionar as músicas que rolam nos eventos de Basquete de Rua, as suas músicas ditam o ritmo dos jogos e por isso o som em quadra é muito importante.

Os MC's (mestre de cerimônia) são a voz ouvida durante os jogos, pois ele fica dentro de quadra narrando todas as ações, sendo o responsável juntamente com o Dj por manter a animação da torcida, fortalecer o equilíbrio do jogo, reforçar também o repertório dos DJ's passa informativos do evento e as informações mais importantes, sinaliza alguma urgência médica em algum atendimento aos atletas.

O Graffiti é uma arte urbana que compõe a decoração da cidade, interferindo culturalmente nos espaços públicos, expressando em telas e painéis ou grandes paredes especialmente designados para tal, simples ou rebuscados rabiscos poético-político.

Os Breaks são dançarinos, também chamados de b-boy e b-girl que simbolizam a situação de mutilação a que está submetido o povo pobre, seja pelas guerras, pelo desemprego, pelas drogas ou pelas desigualdades sociais. Realizando movimentos “de quebrar”, esses dançarinos (as) demonstram o desejo das comunidades de romper culturalmente com o sistema opressor e explorador, bem como o anseio por um mundo melhor.

Como em qualquer manifestação cultural/social existe um vocabulário próprio, no Basquete de Rua, não é diferente, encontramos os seguintes termos:

Baller – jogador de basquete

Caneta – jogada característica, como no futebol. O jogador joga a bola entre as pernas do adversário.

Corta luz – ocorre quando um jogador coloca-se á frente de um adversário, o impedindo que este marque um companheiro de sua equipe.

Crossover – mudança de direção que tira o jogador de jogada. É a principal jogada, e sua principal vantagem é a quebra da defesa, quando o jogador que está com a bola quica a bola de um lado para o outro, usando uma mão e depois a outra.

Enterrada ou Dunk – jogada em que o atleta toca o aro ou até se agarra a ele depois de “enfiar” a bola na cesta, ou “socar” a bola na cesta com uma ou duas mãos.

Head pop - ocorre quando o jogador joga a bola na cabeça do adversário.

Hurrycane – passar a bola com a mão direita entre as pernas, só que por trás, até o lado esquerdo. O balanço da jogada faz parecer uma dança.

Juggles – são os malabarismos com a bola.

Ponte aérea – um jogador joga a bola para o alto e perto da cesta. O outro da mesma equipe pega a bola (no ar) e enterra.

Fonte: História do basquete de rua. Disponível em: [www.lub.org.br](http://www.lub.org.br)

### **3 – A PEDAGOGIA CRÍTICA: PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS.**

A história da Educação Física na escola brasileira inicia no século XIX, e as mudanças por ela percorridas denotam sua ligação com o contexto sociopolítico vivido pelo país. Ghiraldelli Júnior (1989) em seu livro Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira nos apresenta o que denominou de tendências da educação física. Para esse autor a primeira tendência ligada à educação física escolar se mantém hegemônica até 1930 foi denominada de higienista, pois a necessidade de assepsia do corpo frente a um contexto social de epidemias e endemias apresenta a ginástica como prática corporal a ser trabalhada pelo médico sanitário na escola. No governo de Getúlio Vargas a necessidade de preparar a juventude brasileira para a defesa da pátria e criação de um modelo eugênico faz predominar a tendência militarista, que tem na ginástica alemã como seu momento de exercitação. Entre os anos de 1949 até 1954, após a Segunda Guerra mundial o desejo de se mostrar uma prática eminentemente educativa consolida a tendência pedagogista como aquela predomina nas aulas de educação física e a prática corporal que ganha espaço no lugar da ginástica é o esporte. Com o golpe de 1964 o estado brasileiro busca algo que desmobilize os movimentos sociais, além disso, o patriotismo aflorado nesse regime político e a competitividade presente no mercado de trabalho caracterizam a tendência conhecida como competitivista e a presença do esporte nas aulas ganha tanto espaço que nesse momento esporte e educação física escolar eram compreendidos como se fosse a mesma coisa e deixando em segundo plano as outras práticas corporais. Nesse momento a aula de educação física ganha às características do treinamento esportivo, o aluno é visto como atleta e o professor como treinador.

No final da década de 80 a forma como são desenvolvidos os conteúdos eminentemente esportivos nas aulas de Educação Física na escola começa a ser questionado, e discussões em torno de seu caráter pedagógico começa a ser foco de inúmeros estudos, influenciados pelas ciências humanas, principalmente a sociologia e a filosofia de orientação marxista. Começa então a surgir propostas pedagógicas que têm como finalidade contribuir para transformação na e da sociedade.

A proposta desenvolvimentista de autoria de Go Tani e colaboradores (1988) têm como ideia central oferecer à criança oportunidades de experiências de movimento que garantam o seu desenvolvimento motor dentro dos padrões de normalidade estabelecidos por taxionomias. Para esses autores “se existe uma sequencia normal nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem, isto significa que as crianças necessitam ser orientadas de acordo com estas características (Go Tani et al., 1988, p.1)”.

Outra proposta surgida nos anos 80 é a psicomotricidade que toma como referencial a proposta de reeducação motora de Le Boulch (1983), o desenvolvimento motor nessa vertente pedagógica como elemento impulsionador do desenvolvimento cognitivo dos alunos. No âmbito da educação física a proposta apresentada pelo professor João Batista Freire (1989) baseado nesse referencial teórico, e ainda nas ideias de Piaget e Vygotsky contesta a visão dicotômica de sujeito, aquela que faz com que haja uma maior valorização da mente pela escola e uma disciplinização do corpo que fica imobilizado parecendo não ter espaço nas aulas, e apresenta um trabalho na aula de educação física que busca a valorização de uma “educação de corpo inteiro”.

Tanto a proposta de Tani et all (1988), quanto a de Freire (1989) por não explicitarem a dimensão ideológica em que estão assentadas não são consideradas como propostas integradas a uma pedagogia de cunho crítico.

Somente na década de 90, após o movimento de abertura política, vivido no Brasil, começam a surgir na área da educação, e da educação física, propostas que consideram a reflexão crítica como elemento fundamental para formação de cidadãos que sejam capazes de implantar mudanças na e da sociedade. Entre elas destacamos nesse trabalho as propostas do Coletivo de Autores (1992), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e do professor Elenor Kunz (2001).

A proposta contida no livro “Metodologia do ensino da Educação Física” (1992), vulgo Coletivo de Autores, é considerada um marco paradigmático na educação física. Baseada fundamentalmente na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Dermeval Saviani e colaboradores, essa proposta, sistematizada a partir da abordagem crítico-superadora, entende que o objeto da área de conhecimento da Educação Física é a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais seja o esporte, a

ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a capoeira. Esta pedagogia levanta questões relacionadas ao poder institucionalizador da classe proprietária, atendendo seus interesses e contesta às determinações sociais impostas pelo modo de vida capitalista.

Segundo Darido (2003) para os autores dessa proposta “qualquer consideração sobre a pedagogia mais apropriada deve versar não somente sobre questões de como ensinar, mas também sobre como adquirimos esses conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico” (p.19); desta forma o aluno poderá compreender que a produção do homem expressa em um determinado tempo é um produto do processo de mudança ao longo do tempo.

Ainda segundo Darido (2003) nessa proposta “a Educação Física é entendida, como uma disciplina que trata de um tipo de conhecimento denominado de cultura corporal, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte e a capoeira” (p.19).

Outra questão a ser considerada na proposta do Coletivo de Autores (1992) diz respeito à seleção dos conteúdos a serem trabalhados, para os autores o conteúdo escolhido deve ser o mais atual, deve ser relevante para os alunos e estar no nível da possibilidade de aprendizagem dos mesmos. Sua organização no currículo escolar deve levar o aluno a fazer um confronto entre o conhecimento do senso comum e o científico a fim de ampliar seu conhecimento, nesse caminho os mesmos conteúdos deve ser trabalhado de maneira mais aprofundada ao longo dos ciclos, sem que ocorra uma visão de pré-requisitos.

Além disso, considerando sua vertente crítico-superadora apresenta uma forma de reflexão realizada a partir de três perspectivas: diagnóstica, judicativa e teleológica. Diagnóstica porque entende ser necessário um diagnóstico da realidade, fazendo sua interpretação e emitindo um juízo de valor; judicativa, uma vez que julga essa realidade considerando os interesses de uma determinada classe social e teleológica por que vai em determinada direção, que depende do interesse da classe de quem reflete. Além disso, sugerem que os conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física propiciem a leitura da realidade do ponto de vista da classe trabalhadora (DARIDO, 2001).

No que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) à proposta defendida acredita que a educação deve proporcionar ao aluno a construção e o

exercício da cidadania, que tem como perspectiva uma crescente igualdade de direitos com base nos princípios democráticos, ou seja, tornam-se relevante as discussões como: “a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito” (BRASIL, 1997, p. 27). Nesse contexto, o processo educacional deve assegurar o acesso do aluno a conhecimentos socialmente relevantes, a aquisição de habilidades e a incorporação de valores e atitudes que contribuam no exercício dessa cidadania.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional – PCN (BRASIL, 1997) a “Educação Física escolar é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de: a) participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; b) conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; c) reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; d) conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem, nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; e) reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer” (Brasil, 1997).

A adoção desses objetivos está relacionada a uma ideia de educação física que extrapolam um simples fazer por fazer e apontam para o entendimento de educação física como um fazer crítico reflexivo (SOUZA JÚNIOR, 2001). Nesse contexto,

Não basta a repetição de gestos estereotipados, com vistas a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual. (Brasil, 1997, p.33)

Segundo Darido (2003) na perspectiva de uma Educação Física cidadã, o PCN (1997) apresenta alguns elementos que devem ser adotados nas aulas: a) o princípio da inclusão; b) o trabalho das dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais); c) e os temas transversais.

O princípio de inclusão “tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas” (PCN, 1997) contrapondo-se a práticas que valorizavam o desempenho físico e a eficiência.

O trabalho das dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais indicam avanços no campo da Educação Física. Neste sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, danças, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem assumir frente às atividades corporais (dimensão atitudinal). Além disso, busca garantir o direito do aluno de saber o porquê dele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual).

Nessa proposta os conteúdos são considerados meio através dos quais os alunos sejam capazes de analisar e abordar a realidade construindo uma rede de significados em torno do que se aprende na escola e do que se vive.

Os temas transversais são problemáticas presentes na sociedade brasileira que segundo o PCN deve ser tratado por todas as disciplinas escolares. Partindo de uma transversalidade de conhecimentos, busca conscientizar os alunos da necessidade de buscar soluções para as mesmas. Refletir sobre essas temáticas é importante quando se pretende que o aluno entenda a realidade social.

Ainda merece ser mencionado que o Parâmetro Curricular Nacional – PCN (BRASIL, 1997) aponta a importância de se: “conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou características individuais e sociais” (p.7).

Nesse contexto, a educação física é uma disciplina curricular que pode e deve contribuir para apresentação, diálogo e reflexão acerca da diversidade cultural presente nos elementos constitutivos da cultura corporal, qual seja, o esporte, o jogo, a ginástica, as atividades rítmicas, a capoeira e etc.

Para Darido (2003) a obra – *Educação física Ensino & mudanças* (1991) apresenta princípios que são à base da abordagem Crítico-emancipatória, do professor

Elenor Kuns UFSC se complementa em outra obra – *Transformação Didático-pedagógica do Esporte* (1994).

Nesta abordagem a Educação Física é vista como parte de um sistema maior, sócio-educacional e sócio-político-econômico. Baseado nas ideias do sociólogo e filósofo alemão membro da escola de Frankfurt Jürgen Habermas que em sua teoria aponta a ação comunicativa como forma de libertação das determinações do sistema, ou seja, interação de no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre qualquer situação posta. Dentro desse referencial Kunz (1994) apresenta uma proposta para educação física voltada para o que chama de uma transformação didático-pedagógica do esporte, que tem como perspectiva a superação de limites pela experimentação. O movimento é visto como algo determinado pelo sistema, por isso o foco das aulas deve ser no movimentar-se humano, pois esse está ligado ao mundo vivido.

Mediante as diversas abordagens apresentadas para uma reflexão sobre o trato da manifestação cultural ‘basquete de rua’, optamos como forma de trabalho a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), embora a minha proposta também se aproxime de princípios apontados para o trabalho dos conteúdos no Coletivo de Autores (1992).



## **4 – O BASQUETE DE RUA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ATITUDES, VALORES E CULTURA.**

Nesse capítulo estarei apresentando um possível trabalho do Basquete de Rua nas aulas de Educação Física no contexto escolar que perspectivam uma formação crítica. Referenciada na proposta dos PCN's essa proposta de trabalho considerou contemplar durante todo desenvolvimento da ação pedagógica as dimensões, procedimental, conceitual e atitudinal do conteúdo abordado. É importante ressaltar que essas dimensões se entrelaçam no contexto da própria aula, tendo momentos que a dimensão atitudinal estará presente na dimensão procedimental, a conceitual na procedimental, e assim por diante.

Como acontece no Parâmetro Curricular Nacional - PCN (1998) entendemos a Educação Física nesse estudo:

“[...] como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida” (Brasil, 1998, p.29).

A partir dessa compreensão é que estaremos desenvolvendo nossa proposta de sistematização para manifestação cultural do basquetebol; Basquete de Rua.

O processo de ensino/aprendizagem dessa manifestação não é simples, por isso é indispensável que o professor, esteja familiarizado com os conhecimentos técnicos (conhecer minimamente o esporte, a dinâmica do jogo, suas regras e os movimentos mais característicos).

Concordamos com Daólio (2004) que as manifestações corporais humanas são produzidas na dinâmica cultural e expressam significados próprios em contextos específicos. Nesse sentido entendemos que o basquete de rua se torna um conteúdo bastante significativo para o exercício de reflexão do aluno. Sem perder a dimensão lúdica, essa prática corporal surgida no movimento cultural hip-hop<sup>3</sup> representativo das periferias, permite que as regras sejam adaptadas para satisfazer as necessidades dos

praticantes em relação ao espaço, ao número de jogadores, às possibilidades de movimentos e jogadas.

Se não fosse isso, o fato do basquete de rua ser uma prática esportiva cultural já justificaria o seu ensino nas aulas de educação física escolar. Porém, a possibilidade de ser reconstruído por seus participantes, pode contribuir para que os alunos se reconheçam como sujeitos da história e não como meros reprodutores de cultura.

Além disso, como Libâneo (1994), percebemos que os conteúdos retratam a experiência social da humanidade relacionada com conhecimentos e modos de ação que englobam, entre outras coisas:

“[...] conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes” (p.128).

No campo da educação física, durante muito tempo, a ideia priorizada no trabalho de seus conteúdos era a de saber fazer, centrado na aprendizagem motora; por isso as questões relacionadas a reflexão dos conhecimentos presentes no âmbito das manifestações da cultura corporal de movimento ainda precisa ser consolidado. Por isso, compreendemos o trabalho dos conteúdos considerando suas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal apontadas pelo PCN (1997) um passo nessa direção.

Em nossa maneira de ver, o trabalho da dimensão procedimental está ligado à realização dos movimentos, é a dimensão mais desenvolvida na prática da maioria dos professores de Educação Física, e está relacionada com a vivência do aprendizado da prática corporal propriamente dita. Nela é proporcionado ao aluno o aprendizado dos fundamentos básicos, das técnicas e táticas.

---

<sup>3</sup> O movimento cultural hip hop surge como sendo uma estratégia de sobrevivência da cultura popular, é uma forma de visibilidade de grupos de excluídos das possibilidades. É uma ação política que acontece a partir do corpo que dança, desenha, pensa, fala, reflete, sobre os problemas que reverberam nas estruturas sociais em que estes corpos co-habitam.

Já no desenvolvimento da dimensão conceitual dos conhecimentos referente ao aprendizado a partir do Basquete de Rua, tem relação com a aquisição de informações que possibilitem ao praticante uma visão ampliada desse fenômeno, permitindo a compreensão de questões presentes nessa manifestação esportiva, como por exemplo, compreender o mecanismo das lesões e as formas de preveni-las, ou o entendimento do contexto do surgimento da modalidade.

Contemplar a dimensão atitudinal dos conteúdos tem haver, basicamente, com normas, valores e atitudes diz respeito, respectivamente, a padrões e regras de comportamento, princípios e ideias que possibilitem juízo de valor sobre condutas e tendências, e predisposições para atuar em consenso aos valores universalmente defendidos. Assim promover reflexões a cerca de temas como discriminação racial, violência social, a exclusão dos menos habilidosos, a luta por espaços de prática são importantes na medida em que pode levar o aluno a rever suas atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Visto que se encontram pouquíssimos materiais didáticos de apoio para o trabalho com o Basquete de Rua, nesse momento apresentamos alguns passos que servem como base na compreensão e prática dessa manifestação do basquete.

O primeiro passo é conhecer a dinâmica desse jogo; suas regras e como ocorre a ocupação dos espaços no basquete de rua. Essa preocupação de apresentar o esporte aos alunos de modo que eles se familiarizem com os espaços de prática, sejam eles fora da escola ou espaços dentro de escolas que não haja quadras, as regras e com a dinâmica do jogo, é para que tenha prazer em conhecer e vivenciar o esporte explorando diferentes espaços, evitando uma evasão de alunos logo no início das aulas.

O segundo passo é conhecer um pouco da história do Basquete de rua; como foi criado; suas transformações, contextualizando historicamente, socialmente e politicamente essa prática e levando o aluno a entender sua atual inserção na sociedade, como um movimento de resistência ao atual sistema capitalista.

O terceiro passo está ligado ao aprofundamento dos conhecimentos específicos do jogo aprimorando seus conhecimentos e vivencia do esporte.

O Quarto passo é trabalhar as dimensões conceituais e atitudinais nas aulas de educação física de maneira a expor que em momentos de aula essas dimensões se entrelaçam, uma vez que, uma determinada informação gera um juízo de valor, uma atitude, que uma vez exposto gera outro conceito, e esse movimento contínuo proporciona um espiral de conhecimentos, atitudes e valores que colocam o aluno num processo amplo de formação de sujeito crítico- reflexivo.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou contextualizar o Basquete de Rua, que é uma manifestação cultural vinda do conteúdo Basquetebol, um dos esportes coletivos trabalhado no ambiente escolar nas aulas de Educação Física.

Ao iniciar as pesquisas para a realização do trabalho um movimento potente nesta prática do Basquetebol no Brasil ligado a “cultura urbana” surgiu como interessante no trato deste esporte nas aulas de educação física escolar, tanto no sentido de tornarem as aulas mais dinâmicas, como possuidor de conhecimentos potencializadores de reflexões sociais auxiliando na formação crítico reflexiva dos alunos.

Encontramos no Basquete de Rua características marcantes tais como ocorrer em locais não convencionais (ruas, em baixo de viadutos, quadras públicas, etc.), possuir regras flexíveis e ter a ousadia e improvisação como elementos de destaque, priorizando jogadas (passes e dribles) que ‘desconcertem’ seus adversários, que tornam essa manifestação do basquete uma prática atraente para seus praticantes.

A ênfase dada no trabalho ao Parâmetro Curricular Nacional (1997) deve-se ao fato da autora do mesmo acreditar que a educação física não deve mais ser entendida a partir de sua dimensão procedimental, como ainda vem ocorrendo em escolas pelo Brasil. Também parte da compreensão de que o respeito à diversidade e a não discriminação são princípios essenciais para uma sociedade que pretende ser democrática; onde o exercício da cidadania se faça presente.

Na sistematização do trabalho com o Basquete de Rua nas aulas de educação física, como forma de organização dos conteúdos se apresenta o trabalho das dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais, visto que os conteúdos é o meio pelo qual os alunos poderão analisar e abordar a realidade, construindo uma rede de significados em torno do que se aprende na escola e do que se vive. Eis a importância de se fazer transparecer o entrelaçamento das três dimensões no contexto da própria aula de Educação Física.

A educação física é um dos componentes curriculares que pode e deve contribuir para apresentação, diálogo e reflexão acerca dos elementos da cultura corporal. Na ação pedagógica significa que o aluno deve aprender os fundamentos do basquete de rua, mas, juntamente com este conhecimento, deve saber quais os benefícios de tal prática, porque e com quais intenções se pratica essa manifestação da cultura corporal hoje, quais as intenções por trás das mensagens da mídia televisiva e imprensa sobre esta prática esportiva, dentre outras. Dessa forma, mais do que ensinar a fazer, o objetivo da aula de educação física será o de levar os alunos a entenderem as problemáticas sociais que perpassam esse conteúdo, exercitando formas de junto com o outro buscar solução para as mesmas.

O Basquete de Rua é um movimento de resistência às regras oficiais, ao esporte institucionalizado, ligado ao movimento sociocultural Hip Hop; esse compromisso cultural e social proporciona uma relação de transformação de comportamento, de construção do sujeito reflexivo crítico predominando o respeito ao outro.

Todo o cuidado em elaborar esta proposta foi para que os alunos daqui pra frente se deparem com uma realidade melhorada nas aulas de educação física nas escolas, especialmente no trato com o conteúdo Basquetebol, vimos que é possível tratar essa manifestação cultural visando formar um aluno crítico reflexivo frente às questões sociais cotidianas. Acreditamos que trabalhando dessa forma a Educação Física Escolar será mais valorizada como disciplina comprometida com a formação humana, fortalecendo relações que certamente contribuirão para dar voz às minorias.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parâmetros **Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Parâmetros **Curriculares Nacionais (PCNs). Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. et AL. Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n.1, p. 17-32, jan./jun. 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola** 1. ed. Guanabara Koogan S.A., 2003. 91p

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro- teoria e prática da educação física.** São Paulo : Scipione,1989

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física progressista.** São Paulo: Loyola, 1989.

KRUG, Rodrigo de Rosso; MARCHESAN, Moane e ACOSTA, Marco Aurélio. **A Contribuição da Educação Física Escolar para um Estilo de Vida Ativo.** Revista Linhas: Florianópolis, v. 13, n. 02, jul/dez. 2012. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/User/Meus%20documentos/Downloads/2375-7261-2-PB.pdf>. Acessado em: 11 de julho de 2015.

KUNZ, Elenor. **Educação física Ensino & mudanças.** Coleção Educação UNIJUÍ; 11. Ijuí, RS. 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LE BOULCH, Jean. **A Educação Psicomotora: A psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortéz, 1994.

OLIVEIRA, José Eduardo Costa de. **Basquetebol. Aspectos históricos e funcionais**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 17, Nº 174, Noviembre de 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd174/basquetebol-aspectos-historicos-e-funcionais.htm>. Acessado em: 11 de julho de 2015.

SALLES, Ecio. **Cultura Urbana e Educação**. In: Salto para o Futuro: MEC/SEED: ano XIX, nº 5 maio de 2009, p. 4-10.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **O Saber e Fazer Pedagógico da Educação Física na Cultura Escolar: o que é um componente curricular?** In: CAPARROZ, Francisco Eduardo. *Educação Física Escolar: Políticas Investigação e Intervenção*. Vitória, ES: PROTEORIA, 2001, p.81 a 92.

TANI, Go et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.